

GESTÃO DO CONHECIMENTO INDÍGENA PARA O ARTESANATO: PROPOSTA DE UM MODELO PARA AS ARTESÃS AMAZÔNICAS

Marcos Roberto de Souza Gomes

Mestre em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação pela Universidade Federal do Amazonas, Brasil. Assistente Administrativo da Universidade Federal do Amazonas, Brasil.
E-mail: mrobertosg@gmail.com

Célia Regina Simonetti Barbalho

Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Professora da Universidade Federal do Amazonas, Brasil.
E-mail: celia.simonetti@gmail.com

Angela Emi Yanai

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Coimbra, Portugal. Bibliotecária da Universidade Federal do Amazonas, Brasil.
E-mail: angela_yanai@ufam.edu.br

Resumo

Discute a importância e as questões relacionadas à gestão do conhecimento indígena voltada para a produção de peças artesanais. Tem-se como objetivo, refletir sobre a gestão do conhecimento indígena para o artesanato, destacando iniciativas internacionais bem-sucedidas na gestão e proteção do conhecimento tradicional, com o intuito de propor um modelo para as artesãs indígenas da Amazônia. Para alcançar o objetivo proposto, optou-se metodologicamente pela abordagem teórica com o intuito de discutir os elementos que envolvem a gestão do conhecimento indígena direcionada à produção de artesanatos, seguida da análise comparativa de iniciativas internacionais exitosas de gestão, proteção e salvaguarda do conhecimento tradicional para propor um modelo para as artesãs indígenas. Neste sentido, a partir da análise da Biblioteca Digital de Conhecimento Tradicional da Índia, do Portal do Conhecimento Tradicional Coreano e dos *Arts Centres* Australianos, foi possível identificar as estratégias adotadas por diferentes países para gerir e salvaguardar o conhecimento tradicional contra apropriação indevida. O modelo proposto tem foco na Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro a fim de contribuir com a gestão, documentação e preservação dos saberes ancestrais das anciãs associadas, permitindo que a própria comunidade gerencie seu patrimônio cultural. Os resultados apontam que os recursos tecnológicos são fundamentais para apoiar a proteção, preservação e disseminação do conhecimento tradicional, contudo, é importante levar em consideração que as estratégias adotadas por cada país devem ser adaptadas, observando as necessidades e especificidades de cada comunidade, garantindo o respeito e a participação efetiva dos povos originários.

Palavras-chave: gestão do conhecimento indígena; conhecimento tradicional; artesanato indígena.

INDIGENOUS KNOWLEDGE MANAGEMENT FOR CRAFTSMANSHIP: A PROPOSED MODEL FOR AMAZONIAN ARTISANS

Abstract

This study discusses the importance and issues related to indigenous knowledge management focused on handicraft production. The objective is to reflect on indigenous knowledge management for handicrafts, highlighting successful international initiatives in the management and protection of

traditional knowledge, with the purpose of proposing a model for indigenous artisans in the Amazon. To achieve the proposed objective, a theoretical approach was methodologically chosen to discuss the elements involved in indigenous knowledge management directed toward handicraft production, followed by a comparative analysis of successful international initiatives for the management, protection, and safeguarding of traditional knowledge to propose a model for indigenous artisans. In this regard, through the analysis of India's Traditional Knowledge Digital Library, the Korean Traditional Knowledge Portal, and Australian Arts Centres, it was possible to identify strategies adopted by different countries to manage and safeguard traditional knowledge against misappropriation. The proposed model focuses on the Association of Indigenous Women of the Upper Rio Negro, aiming to contribute to the management, documentation, and preservation of ancestral knowledge of associated elders, allowing the community itself to manage its cultural heritage. The results indicate that technological resources are fundamental to supporting the protection, preservation, and dissemination of traditional knowledge; however, it is important to consider that strategies adopted by each country must be adapted, observing the needs and specificities of each community, ensuring respect and effective participation of indigenous peoples.

Keywords: *indigenous knowledge management; traditional knowledge; indigenous handicrafts.*

1 INTRODUÇÃO

A geração de produtos artesanais se desenvolveu com a própria capacidade de sobrevivência humana, chegando até a contemporaneidade como um elemento capaz de contribuir de forma significativa para o sistema econômico por meio da circulação dos bens oriundos dessa produção que gera receitas e empregos a pequenos grupos que atuam na economia criativa, incluindo nesse contexto a população indígena.

Nesse sentido, Mekonen e Eshetu (2024) afirmam que a inovação e a produção de artesanato baseadas em conhecimento indígena são componentes essenciais para a estratégia de subsistência dessas populações, uma vez que contribuem de forma significativa para a conservação da biodiversidade, dos valores socioeconômicos e culturais.

Apesar de não existir uma definição universal para artesanato, o Conselho Mundial de Artesanato, em reunião realizada na cidade de Bogotá em 1996, o define como uma atividade produtiva de objetos e artefatos acabados feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade (SEBRAE, 2004 *apud* Barros, 2006).

Esta definição abrangente permite compreender que se trata de uma produção que inclui os meios culturais e sociais do artesanato que confecciona tais objetos, possuindo distinção por apresentar uma produção em série com regularidade, de objetos semelhantes, porém diferenciados entre si (Barros, 2006).

A originalidade e representatividade cultural manifestada no artesanato tornam-no uma peça única que expressa a cultura de determinados povos. Ele facilita o entendimento das criações de obras de arte, ferramentas e utensílios, por meio de técnicas transmitidas de geração em geração, tornando-se propriedades destas comunidades.

Nesse contexto, Gomes (2024) ressalta que o artesanato indígena, por se tratar de uma produção oriunda de um conhecimento tradicional, é uma coleção dinâmica de saberes desenvolvidos, sustentados e transmitidos, de geração em geração, representando uma identidade cultural.

Mekonen e Eshetu (2024) destacam que a produção do artesanato efetuado pelos povos indígenas é resultante de um processo conduzido no transcorrer da vivência de várias experiências e experimentações com materiais oriundos da localidade e se baseiam na tradição, no legado cultural e na história. Os autores observam ainda que ao disseminar artesanato criativo influenciado por fatores socioculturais, esses negócios se configuram como

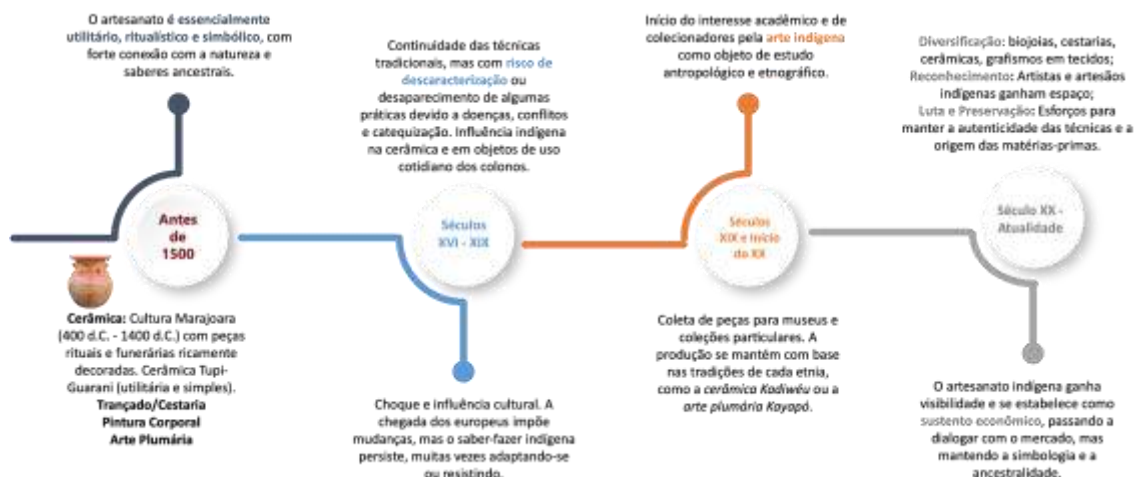
pioneiros na exploração do conhecimento local, na preservação da cultura e revelam um conhecimento tácito que ajuda a fomentar práticas culturais inovadoras.

Sob esse aspecto, Sydora *et al.* (2023) afirmam que o artesanato indígena possui uma rica história, com muitos ofícios específicos de determinados grupos ou famílias e transmitidos entre gerações. Os saberes tradicionais para a fabricação de artesanato são essenciais na cultura indígena, e muitos itens refletem a identidade de cada etnia. A criação desses itens, ainda segundo os autores, gera sentimentos de realização, orgulho e pertencimento, mostrando a formação pessoal e cultural daquele que o cria, sendo esses produtos criados como resultado de, ou em conjunto com, a transferência de conhecimento tradicional e ensinamentos culturais.

No contexto brasileiro, onde os povos indígenas representam uma significativa faixa da população, a arte indígena expõe questões culturais únicas, que reflete sua história e diversidade. A produção artesanal envolve itens como cestaria, como as criadas pelos Waura e Mehinaku (Alto Xingu), conhecidos por seus cestos de arumã com grafismos complexos; cerâmica, como a das mulheres Baniwa (Rio Negro) que produzem peças utilitárias e para rituais com desenhos que representam sua cosmologia; os adornos, como os gerados pelos Kayapó utilizam miçangas, plumas e outros materiais da floresta para criar adereços corporais de grande beleza e significado; a tecelagem especialmente a criada pelos Kariri-Xocó, do nordeste, que desenvolvem trabalhos em tear, com cores e desenhos únicos, dentre tantas outras.

Toda essa riqueza representa parte da cultura nacional que demanda por um olhar atento quanto à gestão do conhecimento que está subjacente a essa forma de manifestação cultural que fomenta o empreendedorismo indígena, tendo em vista que a história do artesanato indígena brasileiro é inseparável da trajetória dos povos originários e de seus vastos e profundos conhecimentos tradicionais. Conforme ilustra a Figura 1, sua evolução marca uma jornada de séculos, passando de práticas essencialmente ritualísticas e utilitárias à sua inserção no panorama artístico e econômico contemporâneo.

Figura 1 - Breve trajetória do artesanato indígena brasileiro



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Pelo disposto na Figura 1, pode-se observar que em sua origem, anterior à chegada dos colonizadores, a produção de artefatos (como a cerâmica Marajoara, a cestaria e a arte plumária) estava intimamente ligada ao cotidiano, à espiritualidade e à cosmologia dos povos. Não se tratava de arte no sentido ocidental, mas sim de objetos com profundo valor utilitário,

ritualístico e simbólico, carregando consigo o conhecimento ancestral sobre o manejo de matérias-primas e técnicas.

Com o processo de colonização, o artesanato indígena enfrentou o risco de descaracterização. A exploração, as permutas desiguais e a subjugação cultural ameaçaram a integridade dos saberes e a continuidade das práticas. No entanto, o artesanato demonstrou sua resiliência, mantendo-se como um vetor de identidade e resistência cultural. Na atualidade, o artesanato indígena passa por um processo de diversificação e maior reconhecimento no mercado nacional e internacional. Ele se tornou uma importante fonte de sustento econômico para as comunidades, ao mesmo tempo que intensificou a luta pela preservação dos conhecimentos tradicionais.

Neste contexto, a questão da gestão do conhecimento indígena se torna crucial, especialmente para as artesãs amazônicas, que são as grandes detentoras das técnicas de cerâmica, cestaria e trançados. Gerenciar esse conhecimento envolve garantir a proteção intelectual dos saberes ancestrais, valorizar a autoria, promover a transmissão intergeracional e fortalecer a autonomia das comunidades, assegurando que o artesanato continue sendo uma expressão de sua identidade e um motor de desenvolvimento sustentável.

Em vista do exposto, este artigo busca responder a seguinte questão: "Como os modelos internacionais de proteção e gestão do conhecimento tradicional podem ser adaptados para fortalecer, valorizar e proteger os saberes artesanais das mulheres indígenas amazônicas?". Neste sentido, definiu-se como objetivo, refletir sobre as questões que envolvem a gestão do conhecimento indígena para a produção de peças artesanais, destacando iniciativas globais voltadas para a proteção do conhecimento tradicional.

Para atender à reflexão proposta, o artigo apresenta primeiramente uma abordagem teórica para discutir os elementos que envolvem a gestão do conhecimento indígena direcionada à produção de artesanatos, em etapa posterior, realizou-se a pesquisa exploratória a partir da análise comparativa de iniciativas internacionais bem-sucedidas de gestão, proteção e salvaguarda do conhecimento tradicional, com intuito de propor um modelo para as artesãs indígenas.

2 ARTE ENQUANTO AÇÃO HOLÍSTICA DO CONHECIMENTO INDÍGENA

Ao discutir sobre o papel do artesanato indígena na transferência de conhecimentos tradicionais e culturais de parentes e anciãs para meninas e mulheres indígenas canadenses, Sydora *et al.* (2023) afirmam que as práticas artesanais indígenas são cada vez mais reconhecidas por seus benefícios à conexão comunitária, à saúde, à identidade cultural e ao bem-estar individual.

Corroborando para a posição dos autores, Goes, Lungu e Maseko (2023, p. 8) destacam que:

A arte nas culturas indígenas frequentemente serve como um poderoso meio de expressão, narrativa e preservação cultural. As formas de arte indígenas podem incluir artes visuais, como pinturas, esculturas e entalhes, bem como artes cênicas, como música, dança e teatro. As criações artísticas frequentemente refletem crenças espirituais e culturais, conectando os indivíduos aos seus ancestrais, à terra e ao reino espiritual. Por meio da arte, os povos indígenas expressam suas identidades, histórias e lutas contínuas. As práticas artísticas também podem ser profundamente curativas, proporcionando um meio de catarse pessoal e coletiva, resiliência e transformação.

O exposto pelos autores dimensiona a abrangência do conhecimento indígena associado a arte, reconhecendo que sua natureza holística possibilita a interconexão com a arte, a espiritualidade e as questões relativas à saúde e ao bem-estar. Os autores destacam que enquanto meio de se expressar pela arte, os saberes indígenas promovem um amplo senso de pertencimento, identidade e continuidade cultural no contexto da comunidade.

Garcés, Azevedo e Oliveira (2015, p. 666) destacam que:

[...] os Ka'apor classificam os seus objetos em duas categorias: 'artesanato original' (*ma'e rará jetehar*) e 'artesanato inventado' (*ma'e rara te'ehar*). A primeira inclui os objetos tradicionalmente usados por este povo indígena, tais como as diversas peças da sua rica arte plumária (cocares, pentes, testeiras, brincos, enfeites faciais, labrete, colar feminino, colar apito, braçadeiras, pulseiras, cintos, saias), as armas de guerra e de caça (arco, os vários tipos de flechas, tacuara de ferro, faca, borduna), os tecidos de algodão (rede, tipoia, saia), instrumentos musicais (tamborim, maracás e flautas), a cestaria (jamaxi, tipiti, diversos tipos de cestos) e a cerâmica (panelas, cachimbos). A segunda categoria inclui os adornos corporais (colares, pulseiras, tornozeleiras) de miçangas e os elaborados com sementes de tucum, inajá e ossos de animais de caça [...] os quais são elaborados principalmente pelas mulheres.

Como exposto pelos autores, pode-se destacar que a classificação Ka'apor dos objetos em artesanato original e artesanato inventado reflete um sistema intrínseco e sofisticado de gestão do conhecimento dentro da comunidade indígena. A primeira categoria, artesanato original, representa a espinha dorsal do conhecimento Ka'apor, qual seja, a habilidade manual, a destreza para entrançar a plumagem, o *saber-fazer* de tecer uma rede são conhecimentos tácitos, profundamente enraizado, adquirido pela prática e observação sendo ele essencial para a identidade e sobrevivência cultural. Os próprios objetos (o arco, o cocar específico) e as regras ou rituais de sua confecção e uso (quem usa, quando usa, como é feito) são formas de conhecimento explícito que podem ser nomeadas, demonstradas e, em certa medida, ensinadas. Assim compreendido, a preservação deste artesanato original é um ato de preservação do conhecimento cultural e técnico. Sua permanência garante a transferência intergeracional do *core* da GC da comunidade.

A categoria de artesanato inventado ilustra o processo de criação e adaptação do conhecimento, um dos pilares da gestão do conhecimento uma vez que envolve o uso de novos materiais (miçangas) ou a nova aplicação de materiais existentes (sementes, ossos) para criar novos adornos demonstrando a socialização (compartilhamento de ideias e técnicas) e a combinação (juntar elementos antigos e novos para criar algo novo) do conhecimento além de ser explicitamente oriundo de um processo de inovação, demonstrando que o conhecimento não é estático e que a comunidade está ativamente engajada na criação de novos artefatos que satisfazem novas necessidades sem abrir mão dos saberes originais. Ademais, o fato de ser elaborado principalmente pelas mulheres indica uma gestão do conhecimento distribuída, onde grupos específicos são os centros de excelência para determinados tipos de conhecimento e inovação, enriquecendo o capital intelectual da comunidade.

Desta forma, tomando a taxonomia Ka'apor como exemplo, é possível observar como uma comunidade gerencia seu capital intelectual para produzir seus artefatos a partir do *saber-fazer* que é subjacente a essa produção executada para garantir a continuidade cultural e a capacidade de adaptação gerada a partir do processo inovativo.

Ao discutir sobre a gestão do conhecimento tradicional para promover a atividade empreendedora na indústria têxtil da Indonésia, Permatasari, Dhewanto e Dellyana (2023) afirmam que ela contribui efetivamente para o desempenho sustentável do setor uma vez que

gera um aumento na capacidade dinâmica do processo de inovação para o segmento, criando uma vantagem competitiva.

No que tange a questão da gestão do conhecimento indígena relacionado ao artesanato, é inicialmente importante destacar que isso envolve questões como disposto na Figura 2.

Figura 2 - Gestão do conhecimento indígena e o artesanato



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Tais características apresentam três componentes distintos que amparam a singularidade da produção das peças artesanais indígenas: reputação, baseada em seu estilo, origem ou qualidade; aparência externa que envolve forma e concepção e *Know-how* distinguindo as aptidões e os conhecimentos utilizados para criação e fabricação (Gomes, 2024).

Ademais, a esses componentes estão agregadas as questões que envolvem as associações e cooperativas indígenas, que concentram e gerem a produção e a venda, permitindo o controle dos preços, a divisão de lucros e a negociação direta com o mercado, eliminando intermediários predatórios; o valor simbólico das narrativas expressas na peças envolvendo as histórias, mitos e significados subjacentes aos grafismos e formas é parte do produto levando consumidor a refletir sobre esse valor imaterial para justificar o preço justo; e o controle de qualidade cultural que envolve a autenticidade assegurando que a produção para o mercado não comprometa os padrões estilísticos ancestrais e a essência cultural.

Todos esses componentes estão diretamente relacionados à questão do conhecimento incorporado nas mais diversas formas de expressão da arte indígena, que enfrenta desafios para se colocar de modo capaz a promover a inovação e o empreendedorismo uma vez que desenhos e técnicas indígenas são vulneráveis à imitação e exploração comercial sem o devido reconhecimento ou repartição de benefícios, sendo fundamental que esses saberes singulares sejam amparados por estratégias que possam favorecer a sua proteção, assegurando que práticas de utilização comercial não autorizadas pelos seus detentores possam ser mitigadas (Gomes; Barbalho, 2024).

Para além dessas questões, é preciso refletir que grande parte desse conhecimento é frequentemente oral e prático, carecendo de estratégias que possam favorecer a sua gestão

de forma a possibilitar não só a sua salvaguarda, mas também a composição de outros mecanismos que permitam a sua transmissão.

Desta forma, algumas estratégias indicadas pelo Gemini (Google, 2025) podem ser adotadas, como:

- a) Documentação e registro: iniciativas para registrar técnicas tradicionais, conhecimento material e o significado cultural do artesanato por meio de vídeos, histórias orais e documentação escrita são vitais.
- b) Transferência de conhecimento intergeracional: apoiar programas que facilitem a transmissão de conhecimento e habilidades dos mais velhos para as gerações mais jovens dentro das comunidades é crucial. Modelos de aprendizagem, oficinas e programas de imersão cultural podem ser eficazes.
- c) Iniciativas de base comunitária: empoderar as comunidades indígenas para gerenciar e controlar seu conhecimento por meio de protocolos comunitários, centros culturais e cooperativas de artesãos garante que os benefícios permaneçam dentro da comunidade.
- d) Direitos de propriedade intelectual: explorar e utilizar ferramentas de propriedade intelectual, como indicações geográficas, marcas coletivas e, potencialmente, novas formas de proteção do conhecimento tradicional, pode ajudar a salvaguardar o artesanato indígena e garantir uma compensação justa.
- e) Práticas sustentáveis: promover e documentar o uso sustentável dos recursos naturais nas práticas artesanais está alinhado aos valores indígenas e contribui para a conservação ambiental.
- f) Cocriação e colaboração: ao interagir com designers ou organizações externas, é essencial garantir colaborações éticas e respeitadas que valorizem o conhecimento indígena e promovam a repartição de benefícios.
- g) Integração de Tecnologia: utilizar a tecnologia para documentação, marketing e conexão de artesãos com mercados mais amplos pode ser benéfico quando implementado de forma culturalmente sensível e liderada pela comunidade.

As estratégias elencadas permitem dimensionar uma variedade de ações que podem ser desencadeadas para promover a gestão do conhecimento indígena voltada para a produção de artesanato. Dentre elas, a primeira é o objeto de estudo desse trabalho que analisou estratégias globais envolvendo a documentação e registro de técnicas e, a partir deste olhar, constituiu uma alternativa para amparar a Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN).

3 METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida apresenta, primeiramente, uma abordagem teórica para discutir os elementos que envolvem a gestão do conhecimento indígena direcionada à produção de artesanato. Em seguida, realizou-se a pesquisa exploratória, que consiste na análise comparativa de iniciativas internacionais bem-sucedidas de gestão, proteção e salvaguarda do conhecimento tradicional, com o intuito de propor um modelo para as artesãs indígenas.

Buscou-se, ainda, desenvolver um mecanismo que possibilitasse tanto a proteção quanto a visibilidade do artesanato produzido pelas indígenas, baseado nas recomendações da Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI), na legislação brasileira e na análise de metodologias utilizadas em países com programas considerados exitosos, voltados para a salvaguarda do conhecimento tradicional e que contribuíssem com a comercialização destes produtos. Assim, para alcançar o objetivo proposto, a pesquisa foi conduzida levando em consideração as etapas apresentadas na Figura 3.

Figura 3 – Etapas da pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Desta forma, na primeira etapa, realizou-se a discussão das questões relacionadas à gestão do conhecimento indígena voltadas à produção de artesanato.


A fase seguinte, objetivou-se identificar países que implementaram registros e/ou bases de dados com o intuito de documentar, preservar e proteger o conhecimento tradicional, principalmente, vinculado ao artesanato. A análise de experiências mundiais voltadas para a gestão do conhecimento tradicional visava conhecer as melhores práticas e avaliar os modelos utilizados por diferentes países.

Para a seleção dos modelos de salvaguarda, levou-se em consideração o reconhecimento e os métodos empregados, portanto, as análises realizadas buscavam compreender como os diferentes países abordaram a proteção do conhecimento tradicional e as principais estratégias adotadas, a fim de identificar o que poderia ser utilizado ou adaptado para o contexto da AMARN.

A última fase do estudo, refere-se a proposta de um modelo para a gestão do conhecimento para as artesãs amazônicas. O modelo foi elaborado após análise e com base no portal canadense e coreano, analisados anteriormente.

O portal canadense A Aventura do QII, apresenta a narrativa histórica de um herói e xamã, conhecido como Kiviuq (Canadá, 2024), a história é contada por anciãos Inuítes de Nunavut. Na Figura 4 é possível verificar as informações presentes na base de dados Inuíte, assim como os respectivos metadados estabelecidos pelo projeto canadense.

Figura 4 - Registro do banco de dados on-line da comunidade Inuíte

 <p>View Object: High-Bandwidth</p>	<p>Bernadette Utaq 03 Tape KIV-D-04</p> <p>Creator: drumsong communications inc. Subject and Keywords: interviews, elders, oral history, aboriginal heritage Date: 2007-03-20 Language: iku Resource Identifier: 183.mp4 Description:</p> <p>Kira: When he first went in the water, was he in a kayak or was he wearing seal skin?</p> <p>...</p>
--	--

Fonte: Canada (2024 *apud* Gomes, 2024)

A avaliação do portal canadense e do portal coreano, permitiu estabelecer uma proposta de modelo para a gestão do conhecimento, sendo definida a criação de um repositório digital e os seus principais metadados.

As seções seguintes apresentam de forma mais detalhada a análise das experiências mundiais voltadas para a gestão do conhecimento tradicional e a proposta do modelo para as artesãs da AMARN.

4 EXPERIÊNCIAS GLOBAIS PARA A GESTÃO DO CONHECIMENTO TRADICIONAL

As iniciativas globais para promover a documentação e o registro do conhecimento tradicional passíveis de serem aplicadas para os saberes indígena sobre artesanato, perpassa pela criação de bases de dados que possuem a finalidade de salvaguardar e proteger tais saberes (Gomes, 2024). Trata-se de uma forma específica de registro que consiste em uma compilação organizada de dados, desenvolvida por ou para povos indígenas e comunidades locais com o intuito de resguardar e controlar o acesso ao conhecimento indígena, bem como para prevenir sua apropriação indevida.

Para o autor, citando Alexander *et al.* (2004), a eficácia desses registros depende de vários fatores, incluindo o vínculo das comunidades locais e indígenas, a capacidade de manter e fornecer acesso ao conhecimento indígena em forma utilizável, o controle sobre o acesso de terceiros e a eficácia em assegurar o reconhecimento dos direitos comunitários sobre os saberes resguardados.

Deste modo, analisar exemplos que ilustram diferentes tipos de bancos de dados foi a estratégia composta para dimensionar uma forma factível de registro e documentação da Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN), destacando a importância do vínculo com as comunidades locais e indígenas, a habilidade de manter e disponibilizar o acesso ao conhecimento de forma utilizável, o monitoramento do acesso de terceiros e a eficácia na garantia dos direitos comunitários sobre o conhecimento indígena.

Os sites objeto de análise foram:

- a) **Biblioteca Digital de Conhecimento Tradicional da Índia (TKDL)**, que objetiva prevenir a apropriação indevida do conhecimento tradicional indiano, especialmente na área da medicina, por meio da documentação. A estratégia estabelecida para sua criação está pautada em constituir um elo entre a ciência moderna e o conhecimento tradicional, promovendo pesquisas e desenvolvimento de novos medicamentos;
- b) **Arts Centres Australianos** que focam na preservação e promoção da arte aborígine australiana, se constituindo como espaços para criação, educação e comercialização da arte aborígine, além de agirem como repositórios culturais; e
- c) **Portal do Conhecimento Tradicional Coreano (KTKP)**, que tem como finalidade proteger e promover o conhecimento tradicional coreano, abrangendo áreas como medicina, culinária e patrimônio imaterial.

Do ponto de vista estratégico, foi possível verificar que a TKDL (Figura 5) utiliza bases de dados digitais para prevenir a apropriação indevida do conhecimento tradicional, mostrando proatividade e capacidade defensiva ao disponibilizar este conhecimento, contribuindo com o reconhecimento, valorização do saber e a preservação da herança cultural indiana.

Figura 5 - Página inicial da Biblioteca Digital de Conhecimento Tradicional da Índia (TKDL)



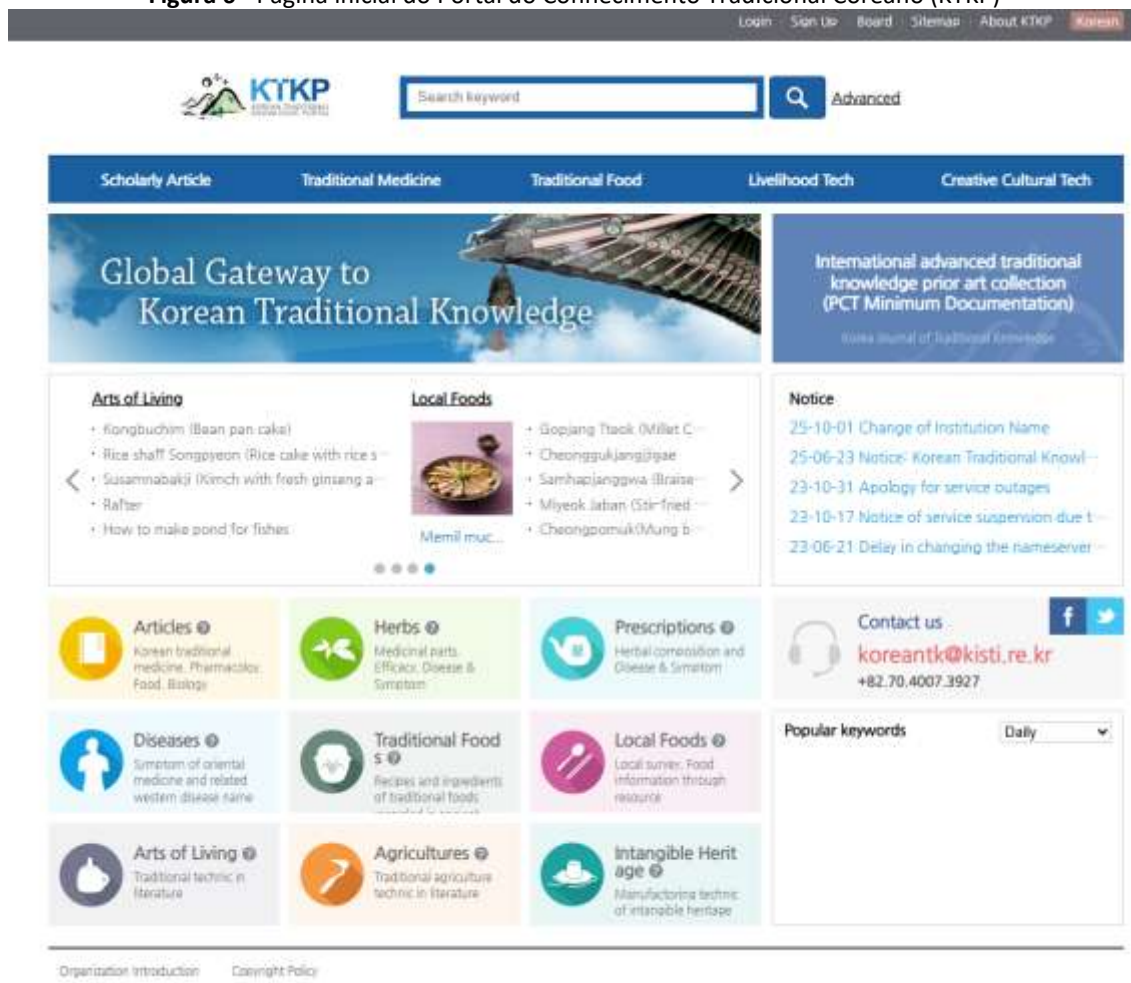
Fonte: Council of Scientific & Industrial Research (2025)

O KTKP, assim como o TKDL, utiliza a tecnologia digital como aliada estratégica para proteger o conhecimento tradicional do país. Além disso, o Portal do Conhecimento Tradicional Coreano disponibiliza artigos científicos relacionados a medicina, farmacologia, biologia, alimentação tradicional coreana, promovendo o aprendizado, impulsionando processos de inovação e contribuindo para o desenvolvimento de novos produtos. Os *Arts Centres* Australianos, por sua vez, buscam estrategicamente promover e preservar a arte aborígine a partir de espaços que possibilitem a criação, recriação e divulgação de suas obras como elemento fundamental para a cultura tradicional (Gomes, 2024).

Quanto ao aspecto inovativo, nota-se na TKDL a valorização do conhecimento tradicional apoiada a tecnologia, composta por um sistema de classificação em conhecimento tradicional inovador, uma interface multilíngue e a disponibilização dos documentos em outros idiomas (inglês, japonês, francês, alemão e espanhol) que outrora estavam inacessíveis em dialetos locais e idiomas como hindi e sânscrito. Neste sentido, quanto ao aspecto da proteção legal, a TKDL permite que os examinadores de diversos escritórios de patentes possam consultar sua base para analisar a novidade, originalidade dos pedidos de patentes, impedindo o patenteamento do conhecimento tradicional existente.

O KTKP, por sua vez, apresenta-se como uma iniciativa inovadora ao implementar uma base de dados com vasta documentação histórica digitalizada relacionada ao conhecimento tradicional coreano, incluindo ervas medicinais, doenças, alimentação, agricultura, entre outros (Figura 6). O Portal contribui tanto para a organização, gestão, preservação e salvaguarda quanto para a promoção e disseminação do conhecimento tradicional coreano. No que tange ao aspecto da proteção legal, coopera para a proteção defensiva desse conhecimento contra uso e apropriação não autorizados ao possibilitar a consulta dessas informações pelos examinadores de patentes (Gomes, 2024). Além disso, fomenta a PD&I ao disponibilizar o conhecimento tradicional e pesquisas relacionadas que podem servir de base para o desenvolvimento de estudos e investigações com aplicação industrial.

Figura 6 - Página inicial do Portal do Conhecimento Tradicional Coreano (KTKP)



Fonte: Korea Intellectual Property Office (2014)

Os *Arts Centres* Australianos têm focado no aspecto inovativo, a valorização da arte dos povos originários como elemento dinâmico e em evolução, além de inserir a arte aborígine australiana no sistema nacional das artes, promovendo a divulgação e o crescimento desse mercado, o que tem proporcionado melhores condições econômicas para as comunidades, além de fomentar o registro e a transmissão do conhecimento em seu meio. No quesito proteção legal, apesar dos desafios, a iniciativa contribui para a proteção defensiva da propriedade intelectual, protegendo os povos aborígenes da apropriação indevida a partir do fornecimento de um selo, da organização e gestão da informação sobre cada obra de arte, garantindo sua autenticidade e originalidade (Goldstein, 2017; Gomes, 2024).

5 PROPOSTA PARA AS ARTESÃS AMAZÔNICAS

A fundação da Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN), ocorreu de forma não oficial em 1984 e foi formalizada em 1987, representando um esforço para criar um espaço de referência e apoio para que as mulheres indígenas residentes em Manaus se reunissem, compartilhassem experiências e buscassem soluções para seus problemas (AMARN, 2024).

De acordo com os registros de Silva (2020), a Associação das Mulheres Indígenas é composta por membros de 10 etnias: Arapaço, Baré, Dessano, Karapanã, Miriti-Tapuya,

Piratapuya, Tutuka, Tukano, Tariano e Wanano. Nessa composição, as etnias Tukano, Dessano e Tariano se destacam, com a primeira sendo a mais representativa.

Em essência, a AMARN está relacionada a alguns pontos fundamentais que fortalecem suas ações: representatividade; acesso a serviços e suporte; desenvolvimento sustentável e econômico; preservação cultural, educação, defesa de direitos e conscientização. Tais fundamentos refletem um compromisso profundo com o bem-estar, a justiça social, o respeito pela diversidade cultural e a sustentabilidade, buscando não apenas melhorar as condições de vida das mulheres indígenas e suas famílias, mas também preservar e promover seu rico patrimônio cultural para as gerações futuras.

A diversidade de artesanatos produzidos pelas associadas da AMARN, segundo Silva (2020), inclui itens como tecidos feitos em tear, porta-joias em formatos de elementos da natureza, brincos e tiaras de tucum e semente de açaí, colares, brincos de pena natural, acessórios para cabelo, pulseiras, tornozeleiras, bolsas de vários tipos, jogos americanos, centros de mesa com grafismos indígenas, além de vários tipos de cestaria. Todos esses itens refletem a riqueza cultural e a habilidade artesanal dessas comunidades e esses objetos não apenas servem a propósitos práticos e estéticos, mas também atuam como expressões tangíveis do patrimônio cultural, transmitindo tradições, técnicas e valores indígenas para todas as gerações.

O modelo para a gestão do conhecimento das anciãs que atuam na Associação foi delineado a partir do exame de experiências globais e da constituição de um repositório para salvaguardar seus depoimentos. Os relatos foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas gravadas, compostas por questões criadas com base nos critérios da Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI) e do manual do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). Todo processo de obtenção de dados e gravação das entrevistas foi acompanhado por uma representante da organização, possibilitando o armazenamento de informações que outrora não possuíam registros na Associação, viabilizando um formato de documentação do conhecimento tradicional utilizado na fabricação do artesanato, constituindo-se assim, a salvaguarda desse conhecimento.

A estrutura adotada para estabelecer a arquitetura informacional do repositório utilizou a combinação entre os métodos analisados, os documentos da Associação e os relatos das anciãs. Com base nesses dados, realizou-se a organização das comunidades, coleções e metadados de forma a abranger as principais informações relacionadas aos documentos da associação e as entrevistas realizadas.

A Figura 7 mostra a estrutura do repositório, na qual a coleção é definida de forma a expor as peculiaridades dos registros inseridos, sendo compostas de:

- Arquivos Administrativos: ofícios e declarações que possuem arquivos fundamentais para o gerenciamento diário da associação.
- Arquivos Históricos: conhecimentos tradicionais que possuem os registros relacionados às práticas, saberes e tradições e Memorial das anciãs que constituem documentos que preservam a memória e os relatos das anciãs. Dentro desta coleção foi criada a sub coleção Entrevistas, como forma de diferenciar o tipo de coleta de dados.
- Arquivos Colaborativos: projetos de pesquisa e artigos que possuem documentos relacionados à participação da Associação com outras diversas partes interessadas, como outras associações, ONGs e pesquisadores.

Figura 7 - Estrutura ramificada do repositório



Fonte: Adaptado de Gomes (2024)

Cada categoria de arquivo contém tipos específicos de documentos que foram agrupados de acordo com sua função e propósito dentro do repositório, sendo na primeira divisão do repositório disponibilizadas as comunidades e posteriormente as coleções.

Para uma identidade visual do repositório com a Associação, buscou-se utilizar as cores da marca registrada no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) pela AMARN, retirando os elementos não necessários no visual padrão da versão do DSpace 7, de modo a oferecer destaque para AMARN e na sua marca, conforme pode ser observado na Figura 8.

Figura 8 - Página inicial do repositório



Fonte: Gomes (2024)

A Figura 9 exibe a área de visualização do vídeo de entrevista, com a possibilidade de assisti-lo sem a realização de *download* do arquivo e os metadados configurados em consonância aos encontrados na base canadense *The IQ Adventure!* (Canadá, 2024).

Figura 9 - Registro do Repositório da coleção entrevistas



Fonte: Gomes (2024)

A partir das ações de documentação e salvaguarda do conhecimento tradicional, pode-se identificar uma série de impactos decorrentes da pesquisa realizada, que refletem tanto como benefícios diretos para a Associação de Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN) quanto para outras comunidades, incluindo o potencial para influenciar políticas e práticas de preservação cultural em nível local e nacional.

Dentre todos, destaca-se a gestão do conhecimento indígena por meio da externalização dos saberes das anciãs, especialmente porque tornar esse conhecimento explícito e salvaguardá-lo implica não apenas perpetuar práticas ancestrais para as futuras gerações, mas também reforça a identidade cultural e a unidade social das mulheres indígenas envolvidas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artesanato indígena brasileiro é uma expressão viva de saberes ancestrais, da profunda conexão com a natureza e da rica diversidade cultural dos povos originários. A proposta de um modelo para a gestão do conhecimento indígena, em especial do conhecimento das anciãs que fazem parte da Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN), foi realizado a partir da análise de experiências que apresentaram eficácia e êxito em âmbito mundial na proteção do conhecimento tradicional contra a apropriação indevida da cultura e dos saberes dos povos originários. Portanto, buscou-se criar um repositório digital que permitisse salvaguardar a documentação da associação e dos relatos das anciãs membros da AMARN, contribuindo para a documentação do conhecimento tradicional aplicado à fabricação do artesanato indígena. O conhecimento tradicional documentado possibilita preservar o conhecimento milenar, além de permitir que a Associação possa gerir o seu próprio conhecimento.

O estudo realizado na Biblioteca Digital de Conhecimento Tradicional da Índia, Portal do Conhecimento Tradicional Coreano e nos *Arts Centres* Australianos aponta a importância de se ter recursos tecnológicos como apoio à proteção, como a criação de bases de dados que possam colaborar com a gestão, preservação, consulta e disseminação do conhecimento

tradicional nacional. As estratégias utilizadas por cada país podem variar conforme o contexto cultural, tecnológico e de políticas públicas, sendo importante analisar e adaptá-las às necessidades e características de cada nação e comunidade tradicional, as quais precisam estar de fato envolvidas nas iniciativas adotadas. Aliada à maior conscientização da população quanto à importância e ao valor do conhecimento tradicional, a fim de combater a exploração indevida e colaborar para o respeito, o reconhecimento, o compartilhamento equitativo de benefícios e a melhoria nas condições socioeconômicas dos povos originários.

Ademais, o trabalho realizado possui algumas limitações que devem ser destacadas, como a necessidade de manutenção e atualização do repositório digital para versões mais recentes, visando ao uso contínuo pela Associação. Nota-se, portanto, a importância e a necessidade de profissionais vinculados às áreas de informação, comunicação, design, tecnologia da informação, entre outras, para auxiliar na pesquisa, documentação e salvaguarda deste conhecimento. Estudos futuros podem ser realizados para analisar a experiência, o desenvolvimento e maturidade da gestão do conhecimento indígena, bem como o uso, o povoamento e a disseminação do conhecimento, tendo a própria comunidade como responsável por gerir seu patrimônio cultural a partir do repositório digital criado.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DE MULHERES INDÍGENAS DO ALTO RIO NEGRO EM MANAUS – AMARN (Brasil). **Quem somos**. [S. l.: s. n.], 2024. Disponível em: <https://amarn.org/quemsomos/>. Acesso em: 23 ago. 2024.

BARROS, Luiz Antônio dos Santos. **Design e artesanato: as trocas possíveis**. 2006. 132 f. Dissertação (Mestrado em Artes e Design) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/projetosEspeciais/ETDs/consultas/conteudo.php?strSecao=resultado&nrSeq=9596&idi=1>. Acesso em: 23 ago. 2024.

CANADÁ. Department of Canadian Heritage. **The IQ Adventure!**. [S. l.: s. n.], 2024. Disponível em: <http://www.inuitq.ca/>. Acesso em: 05 mar. 2024.

COUNCIL OF SCIENTIFIC & INDUSTRIAL RESEARCH. **Traditional Knowledge Digital Library**. [S. l.], [2025?]. Disponível em: <https://www.tkd.l.res.in/tkd/langdefault/common/Home.asp?GL=Eng>. Acesso em: 9 dez. 2025.

GARCÉS, Claudia Leonor López; AZEVEDO, Cristina; OLIVEIRA, Ana Gita de. **Proteção aos conhecimentos dos povos indígenas e das sociedades tradicionais da Amazônia**. 4. ed. Brasília: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2012.

GOES, Vanessa de Araujo; LUNGU, Bwalya; MASEKO, Menzi. Exploring utoethnographic and Arts-Based Approaches to Planetary Health: honoring diversity through creativity, indigenous knowledge systems and loving relationships. **Challenges**, [S. l.], v. 14, n. 4, p. 53-63, 2023. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2078-1547/14/4/53>. Acesso em: 15 maio 2025.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. Das artes tradicionais à economia criativa: a pintura indígena da Austrália e sua inserção no sistema das artes. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 53, n. 3, p. 489-498, set./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/csr/article/view/csu.2017.53.3.09/12014>. Acesso em: 14 maio 2025.

GOMES, Marcos Roberto de Souza. **A propriedade intelectual aplicada ao conhecimento tradicional no artesanato indígena do Amazonas**. 2024. 114 f. Dissertação (Mestrado em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação) - Faculdade de Estudos Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/10634>. Acesso em: 23 fev. 2025.

GOMES, Marcos Roberto de Souza; BARBALHO, Célia Regina Simonetti. Bases de dados de conhecimento tradicional como estratégia de proteção. **Cadernos de Prospecção**, Salvador, v. 17, n. 4, p. 1196-1213, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/nit/article/download/59851/33571/247779>. Acesso em: 20 nov. 2024.

GOOGLE. **Gemini**. Resposta ao prompt "Estratégias para gestão do conhecimento indígena para o artesanato". 14 mai. 2025. Disponível em: <https://gemini.google.com/>. Acesso em: 14 maio 2025.

KOREA INTELLECTUAL PROPERTY OFFICE. **Korean Traditional Knowledge Portal**. Daejeon, 2014. Disponível em: <https://koreantk.com/ktkp2014/?lang=en>. Acesso em: 10 dez. 2025.

MEKONEN, Abebe Arega; ESHETU, Amogne Asfaw. Understanding the indigenous knowledge-based Tub and griddle pan handcrafting business in Dessie, Ethiopia. **Cogent Social Sciences**, [S.l.], v. 10, n. 1, p. 1-24, 2024. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/23311886.2024.2316943?needAccess=true>. Acesso em: 14 maio 2025.

PERMATASARI, Anggraeni; DHEWANTO, Wawan; DELLYANA, Dina. The role of traditional knowledge-based dynamic capabilities to improve the sustainable performance of weaving craft in Indonesia. **Journal Of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy**, [S.l.], v. 17, n. 3, p. 664-683, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1108/jec-11-2021-0156>. Acesso em: 14 maio 2025.

SILVA, Maria Isabel de Oliveira da. **Mulheres indígenas do Alto rio Negro em Manaus: uma etnografia da AMARN**. 2020. 154 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

SYDORA, Beate C. *et al.* Traditional crafting as a catalyst for Indigenous women's intergenerational cohesion and wellness: a canadian perspective. **International Journal of Circumpolar Health**, [S.l.], v. 82, n. 1, p. 1-11, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/22423982.2023.2175763>. Acesso em: 13 maio 2025.

Recebido em/Received: 10/12/2025 | Aprovado em/Approved: 16/12/2025
